

A ditadura de Primo de Rivera que tantas promessas fez, encontra-se periclitante, mercê das desinteligências entre os generais

## Pelos nossos irmãos alemães!

Tôda a gente de bem deve começar desde já a auxiliar as vítimas da guerra e do capitalismo internacional

### Nota oficiosa do Comité Confederal

O Comité Confederal, reunido para tratar de assuntos de interesse da organização, interpretando o sentir da massa organizada de todo o país, vem expor um facto para que pede a atenção de todos os trabalhadores, conscio de cumprir um acto que dignifica tôda a gente de espírito bem formado.

Todos conhecem a situação angustiosa em que vive o povo alemão depois da terrível carnificina que assolou os povos, para gáudio da sociedade capitalista, que fez fortunas inúmeras á custa dos que expuzeram a vida, por uma causa que não era a sua. Resultado: Gente estropiada e impossibilitada para o trabalho; Desvalorização da moeda, e a consequente crise de trabalho, não tendo os operários onde empregar a sua actividade para conseguirem os meios de subsistência; Crianças tuberculosas por falta de alimento, e os quadros mais horrorosos de que temos conhecimento na história dos Povos.

A burguesia causadora das privações do povo, refastelada das melhores iguarias, não quer saber do sofrimento de quem não tem onde empregar os seus braços.

Mais que se suicidam para não verem os seus entes queridos morrer de fome.

O governo, mais preocupado com a questão política, do que com a questão económica, deixa que os seus subditos morram de fome.

Um povo inteiro que se definha por falta de alimentação, em consequência de não ter onde empregar a sua actividade, e todo um caudal de misérias que não é possível enumerar, sofre como nós, vítima da exploração de capitalistas e políticos.

Depois de constatarmos uma miséria como esta, o que devemos fazer?!

Procurar por tôdas as formas que nos seja possível, concorrer com uma parte das nossas possibilidades, para obstar a que continuem morrendo de fome aqueles entes que não tendo culpa da maldade dos homens, são os que mais directamente, sofrem as suas consequências.

Portanto, para que a nossa solidariedade possa beneficiar aquelas criaturas, todos os camaradas amantes da humanidade e consequentemente do bem, devem enviar o seu óbolo, quer em dinheiro, quer em roupas, á sede deste organismo, afim de o fazermos chegar ao seu destino, cumprindo assim, um dos principais deveres de solidariedade que deve existir entre trabalhadores e que consiste em não deixar morrer de fome o nosso semelhante.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1924.

O Comité Confederal

## PRIMO DE RIVERA

não está tam seguro como parece

Grita-se em plena Espanha: "Viva o poder civil!" e os generais não se entendem

Informações particulares que recebemos de Espanha revelam-nos que a situação do Directorio Militar não é das mais seguras e que a Espanha civil e mesmo parte dos mais categorizados elementos militares discordam da orientação de Rivera; cujas promessas não foram cumpridas e cuja validade pessoal lhe transformou as normais faculdades de pensar.

Difícil é saber-se o que pensa o povo espanhol, através da sua imprensa, visto que a censura corta cuidadosamente das colunas dos jornais tudo o que não esteja de acordo com a actual situação política.

Entretanto, há factos que não se podem ocultar, embora a imprensa não possa fazer-se eco deles. Por exemplo: há dias publicaram os jornais portugueses um telegrama sério, mais dúzias de linhas, informando que o marquês de Cortines havia sido deposto. Não disseram, assim como em Espanha os jornais não o disseram também, que a despedida feita á esse político constituía uma verdadeira bofetada em mão no Directorio Militar.

A despeito do descrédito político e financeiro do marquês de Cortines, a sua despedida de Madrid, deu lugar a uma manifestação de protesto contra o actual regime. Na «garra» compareceram Garcia Prieto, Romanones, Ruiz Gimenéz, grande número de liberais, vários aristocratas, os generais Frederico Berenguer e Cavalcanti, do primeiro Directorio, e vários generais comandantes de guarnição.

As bocas, foi: «Viva o poder civil!» A polícia, surpreendida com o caso, quiz intervir, mas ante a categoria dos manifestantes, arreceou-se.

Os generais que não aprovam a conduta do Directorio, principalmente desde o regresso da viagem a Itália, não querem abandonar os cargos de comando nas guarnições militares. Ao general Saro foi oferecida a «alcaldia» de Madrid, para deixar o comando de forças, e ele não aceitou.

Como Primo de Rivera não era o general mais categorizado, resulta que cada general do Directorio, e mesmo os que á este não pertencem, pretendem tomar as suas medidas políticas e administrativas e se julga absolutamente autónomo.

A desagregação das forças do novo regime, as desinteligências entre os generais, a indiferença da grande massa da população contribuem poderosamente para a queda de Primo de Rivera, queda que se anuncia para muito breve.

A viagem do rei e de Rivera a Itália foi dum ridículo atroz. Mussolini chegou a dizer a Afonso XIII que a ditadura espanhola nemhuma valor tinha porquanto não obedecia a qualquer pensamento político.

Enfim, vê-se que a ditadura de Rivera, redondos num tremendo fracasso, que servirá de lição áquelles que em Portugal sonham com ditaduras salvadoras.

## NA BOA-HORA

Efectua-se o julgamento dum operário — Mano-bras terroristas da a polícia

Uma grande multidão de operários aliou ontem ao tribunal da Boa-Hora, em cujo 2.º distrito se realizaria os julgamentos de Arsénio José Filipe e Custódio Ferreira dos Santos.

Apesar dos boatos terroristas, espalhados insidiosamente, a audiência iniciou-se com toda a serenidade. A atitude dos magistrados e dos assistentes expulsa toda a eventualidade de «sérios acontecimentos».

Mas a polícia é perspicaz e se soube logo de grandes «complots». Preparou-se para inutilizar a acção dos conspiradores com a sua tradicional estupidez.

O juiz é subitamente perturbado com a chegada do tenente Soares, commissário da polícia, que lhe faz graves revelações. O juiz não acredita e chama o delegado do ministério público, que se fica a meditar.

Trinta polícias, resolutos, 3, tinham invadido o edificio, ocupado o os corredores e até os telhados do tribunal. A assistência está tam tranqüilla e descuidada, que por nada dá. Apenas as centenas de operários aglomerados nos corredores, nas escadas e no largo, tem uma attitudde interrogadora.

E neste ambiente frio, de e expectativa e tranqüillidade, o julgamento de Custódio Ferreira prossegue. As testemunhas de accusação nada sabem dizer. O accusado declara que procedeu violentamente contra o construtor Sr. Serra, porque este, além de o despedir por faltar ao trabalho, na tarde dum domingo, impediu-o, com as suas intrinsecas, de empregar nas outras obras. As testemunhas de defesa accusam ás áperamente o construtor Serra de perseguições aos operários das suas obras.

O dr. Sobral de Campos ps produz uma brilhante defesa, inutilizando completamente o ataque do delegado do M. P. — um bacharel saído há pouco da Universidade de Coimbra...

Os jurados recolhem. E ás alguns minutos depois, a sentença é lida: 14 meses de prisão correccional e multa para o operário Custódio Ferreira.

Começa a retirada da assistência. Numerosos guardas alinham-se no corredor e apalpm tôda a gente. Os polícias estão com cara de caso. Há já pessoas que são estupidamente apalpadadas repetidas vezes. E tudo terminou si sem que um simples fósforo de cera estalasse sob os pés dos polícias e dos que se retiravam.

—O julgamento de Arsénio José Filipe foi adiado.

## NOTAS & COMENTARIOS

Monsanto

Contou ontem mais um aniversário a escalada de Monsanto. O acto foi recordado por diversas delações que se fizeram ouvir durante o dia e noite. E' um fracasso em uso, mas que se torna forte e estrondoso. A subida arriscada de Monsanto representou o sacrificio, a defesa da república ameaçada e o esmagamento dos monárquicos. Troux a artillaria nesse dia; ontem os morteiros recordaram-no. Venceu-se Monsanto, perdeu a Reacção. Esvauiu-se uma illusão!

Monsanto sepultou novamente o cadáver, que a acção do tempo e o abandono e desleixo dos próprios covetores conseguira trazer á superfície. E os seus guardas já esqueceram os anos: descansam. O cadáver criou vermes que percorrem todo o organismo da república, arruinando-a sensivelmente, para que a sua morte não se faça esperar.

Monsanto não deve ser esquecido pelos republicanos sinceros e honestos. O ambiente que se respira não será um indício iniludível, certo!

A família e a constituição

A mulher do actual ministro da instrução sr.ª D. Luisa Sérgio, imaginou, como prolongamento da sua acção na instituição católica beneficiante das «Florinhas da Rua», um sindicato feminino com bases religiosas.

Quem pensou D. Luisa Sérgio de convidar para o «Sindicato Feminino»? O pessoal feminino do ministério da instrução. E o sr. António Sérgio mandou chamar ao seu gabinete, o pessoal feminino apresentando-o, ministerialmente, a sua esposa como capaz de ser pessoal para um sindicato católico e feminino. A família começa a acrescentar aos apensos que a constituem, mais outro que é simultaneamente cozinha e casa de jantar—o gabinete do ministro com quem se está matrimoniado. Deve pagar a moda. Resta-nos a consolação de que amanhã virá um ministro cujo esposa pertencendo a Associação do Registe Civil inscreva o pessoal feminino do ministério da instrução no Grémio Excursionista Civil do Monte.

De resto se nos ministérios existem senhores e o ministro é casado não será melhor introduzir uma emenda na Constituição da República? Essa emenda viria valorizar o papel social da família...

Misericórdia!

Realiza-se dentro de breves dias o congresso das Misericórdias que irá ocupar-se especialmente da péssima situação económica que ellas atravessam. E' um congresso onde se vai constatar a falência da caridade, da caridade que se esgotou na absorção da injustiça e das misérias sociais por meio dalguns legados feitos após a morte do doador.

O congresso vai afirmar que o egoismo dos ricos vibrará nas Misericórdias—um derradeiro golpe de misericórdia.

Livros

Recebemos o novo livro de Correia da Costa Dom Sebastião, ao qual em breve o nosso critico fará a merecida referência.

Arte e artista

O pintor modernista sr. Guilherme Filipe, que expôs há pouco os seus quadros originaes, em Lisboa, partiu ontem para o Porto onde realizará uma exposição.

## O PESSOAL

telégrafo-postal

saúda "A Batalha" por defender as suas justas reclamações

Há cerca de 8 meses que a classe telégrafo-postal vem reclamando a satisfação de justissimas reclamações. Ao fim dum tam longo periodo de tempo, o actual ministro do comércio dr. sr. António da Fonseca, em vez de acudir á justiça das reclamações ainda procura nega-la recorrendo a escamoteações legais que por irem ferir direitos legittimos não recamos classificar de desonestas.

O Administrador Geral dos Correios e Telégrafos sr. António Maria da Silva, que nada tem feito que beneficie o público ou que melhore os serviços, mantém uma attitudde hostil ás reclamações do pessoal. A nós, em nada nos admira semelhante attitudde, pois que o sr. António Maria da Silva, há muito que trocou a politica pelo trabalho e se tem dedicado a ser o perseguidor odioso das classes trabalhadoras.

Recebemos os seguintes telegramas: GUARDA, 24.—T.—Pessoal maior da Guarda agradece o apoio leal que tem sido prestado á corporação telégrafo-postal.

GUARDA, 24.—Pessoal menor telégrafo-postal da Guarda, reconhecidamente agradece franco e leal apoio prestado pela Batalha á nossa corporação.

A prisão dos delegados operários portugueses em Sevilha

O operariado de Vila Nova de Portimão enviou ao ministro de Espanha os seguintes telegramas:

«Os sindicatos operários de Portimão, em nome de tôdas as classes trabalhadoras desta vila, pedem a immediata liberdade dos delegados portugueses Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, em homenagem á justiça e humanidade».

Protestos

O operariado de Vila Nova de Portimão enviou ao ministro de Espanha os seguintes telegramas:

«Os sindicatos operários de Portimão, em nome de tôdas as classes trabalhadoras desta vila, pedem a immediata liberdade dos delegados portugueses Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, em homenagem á justiça e humanidade».

## PROBLEMAS SOCIAIS

## ADOPTAREMOS O FIGURINO RUSSO?

A tradição social do povo, a força do sindicalismo e vários outros factores indicam que a revolução tomará uma feição bem diversa

Desde que seja um dia possível em Portugal uma revolução de carácter económico, estará essa revolução sujeita ás mesmas contingências que determinaram na Rússia a sua actual constituição politica? Dada por ventura a impraticabilidade dum livre organismo de tôdas as actividades económicas, pela opposição dum grande parte da população, e tendo, por isso, de a sociedade se organizar ainda em regime politico, será esse regime, como na Rússia, uma representação de sovietes, ou uma representação profissional, uma representação dos sindicatos? Dada mesmo por ventura a vitória do partido comunista, apoiado pelos elementos mais radicais dos partidos republicanos e dos republicanos não filiados, por uma parte do exercito e por uma parte do operariado, poderá esse partido exercer a mesma acção centralizadora e autoritária que o bolchevismo operou na Rússia?

A questão posta assim não pode ser resolvida empiricamente segundo as predições sociológicas e filológicas de cada um. Não podemos prescindir dos factores sociais, da análise dos factos, contar com as correntes de opinião, com as forças latentes na sociedade. Não se trata, pois, dum questão de fé, mas dum deducção. O regime que venha a estabelecer-se pode não corresponder ás nossas aspirações, á nossa ideologia, mas aceita-lo como inevitável não representa nenhuma contradição conosco, visto que se não trata dum concepção subjectiva mas dum realidade objectiva, que não é condicionada apenas por nós. Em nós cabe apenas exercer o máximo da nossa influencia para que essa realidade se aproxime tanto quanto possível dos nossos principios, da nossa concepção dum organização social livre; mas o nosso patriotismo não deve ir até ao ponto de contrariar um regime mesmo de natureza autoritária, desde que ele represente, sob o ponto de vista das liberdades económicas, uma maior garantia do que a actual sociedade burguesa.

Encarando assim o problema e sabendo bem que os elementos liberais não constituem ainda aqella minoria revolucionária activa e forte, capaz de imprimir uma tendência definida á revolução, eu julgo que não será possível ainda em nossos dias tentar, num país como é Portugal, dependente economicamente do estrangeiro, uma experimentação de sociedade libertária. A acção dos anarquistas virá naturalmente a limitar-se a influir para que o regime a estabelecer-se seja o mais possível descentralizado, não só sob o ponto de vista regional, como sob o ponto de vista das funções económicas e sociais (indústrias e serviços públicos). E, sob este ponto de vista, eu estou convencido de que a acção dos liberais se poderá exercer mais proficilmente, com resultados mais apreciáveis, de que a dos nossos camaradas na Rússia.

Somos chegados assim a uma das afirmações que eu fiz no meu último artigo: onde o sindicalismo seja uma força não dominará a superstitia politica. Não sei porque, houve quem de organizasse disto que eu supunha que uma organização sindicalista que se substitua ao patronato e ao Estado, tomando conta das funções que um outro realizam hoje, não é um regime politico. A's objecções que, em virtude deste equivoco me foram feitas responderei no outro artigo. Por enquanto limito-me a esclarecer melhor o meu pensamento. Por superstitia politica eu entendo a crença de que é pela autoridade, pela violência organizada em sistema, que os individuos e as sociedades se determinam. Essa superstitia tem graus. Ha países onde ella é dominante, outros onde ella é mais atenuada. Nós vivemos felizmente num destes países. Exactamente por influencia da acção sindicalista, o operariado não tem uma arcaizada superstitia politica. Se aceitar um regime politico, aceita-lo-há como uma fatalidade das circumstancias, por supor irrealizável uma mais profunda transformação, mas sem o entusiasmo, a fé, digamos a palavra, a superstitia do poder com que na Rússia uma grande parte do operariado aclamou o novo Estado.

Se for possível derrubar o regime burguez e um movimento revolucionário poder ir mais além do que uma simples transformação de republica num sentido federalista e de sindicalização dos serviços públicos, e o operariado puder tornar-se senhor dos seus destinos, eu julgo, pela análise do meio social, pela tendência e espirito da massa proletária, que a Revolução não adoptará como modelo que deva copiar servilmente o regime politico que se estabeleceu na Rússia. Por temperamento, por educação, pelo tradicionalismo da sua vida social, o português não aceita docilmente a imposição dum forte autoritário. Por isso eu julgo mais do que provável que, no dia em que a massa operária conseguir obter uma vitória decisiva contra a burguesia hoje dominante, o regime que venha a fixar-se, embora ainda distante dum organização comunista libertária, não deixará de se impregnar dum forte temperamento para o livre federalismo económico que nós, os liberais, preconizamos.

Triunfante a classe operária, duas correntes se estabelecerão—uma mais au-

toritária, representada pelos comunistas, pelos socialistas e por alguns elementos republicanos, civis ou militares, que tenham auxiliado a Revolução e a menos autoritária ou de tendência libertária constituída pelos sindicatos e pelos anarquistas. Qual destas duas correntes dominará, exercendo a sua influencia nos métodos a empregar para a reorganização da vida económica? Em qualquer da hipóteses, não há que recear a absorção por um exagerado autoritarismo da tendência de autonomia e liberdade da massa popular.

Suponhamos que triunfa a corrente sindicalista, embora influenciada pelos elementos vindos dos partidos politicos coordenados em volta do partido comunista. Os sindicalistas, vendendo-se forçados a manter uma forma politica, pela pressão interna e ainda pela pressão externa, tendo de estabelecer um governo, além da cooperação económica, quanto possível espontânea e livre da massa trabalhadora, optarão pela sindicalização dos serviços públicos e por uma assembleia dos sindicatos, ou por duas assembleias similares das duas secções da actual C. G. T. Mas, pelo proprio espirito do sindicalismo e pela influencia que nesse caso se fará sentir melhor dos elementos liberais, o Estado tenderá para uma rápida pulverização, deixando-se substituir pouco a pouco por uma livre organização da produção e do consumo. No decurso dum tal regime, organizada a educação com uma orientação pedagogica moderna, conduzindo a uma organização social livre e não imposta, ir-se-ia accentuando cada vez mais a tendência para uma sociedade libertária.

Imaginemos agora a outra hipótese. Suponhamos que o triunfo é todo do partido comunista, não só pelo apoio obtido dos republicanos, quando a solução da república burguesa tenha de ser posta de parte, como pelo apoio dos elementos militares e ainda porque

ao organizar-se um novo sistema politico possa dar-se uma geral abstenção dos militantes sindicalistas e deve contar-se como certa a dos liberais. Que sucederá nesse caso? O partido comunista tentará de entrada não uma ditadura do proletariado, mas uma simples ditadura do seu partido. Ao cabo de certo tempo, para evitar a reacção violenta e revolucionária da massa, procurará organizar o Estado fazendo dele participar os organismos profissionais. Se organizasse o eleitorado á maneira actual, por círculos, em que os eleitores não se agrupassem por profissões, naturalmente seria a abstenção do operariado como hoje succede, o que seria um predominio dos aderentes da ultima hora, vindos das camadas burguezas. Para evitar isso o partido comunista não deixará de acabar por admitir a representação por profissões. Por outro lado, não constituindo Portugal um país de grande industria, natural será que se organize espontaneamente um pouco por tôda a parte pequenas comunas agrícolas e industriais, cuja autonomia terá de acabar por ser respeitada, senão desde logo, por menos após sucessivas reacções populares.

Evidentemente que o ideal seria que podesse desde logo organizar-se a vida económica num regime de liberdade ampla e que qualquer destas duas situações não é aquella que a qualquer libertário pode satisfazer sob o ponto de vista da doutrina. Mas serão os factos que hão-de impor uma delas e já nos devemos dar por muito felizes em reconhecer que a existência dum sindicalismo, com uma forte opposição a um excessivo autoritarismo, hão-de contribuir dum maneira decisiva para que a revolução que vier a realizar-se em Portugal não conduza ao dominio absorvente dum partido politico, por mais bem intencionado que seja.

Campos LIMA

## A instrução popular

Arruinam-se os edificios escolares, fazem-se quartéis — e o proletariado condenado á miséria e á ignorância

Os intellectuaes que sabem compreender as necessidades do presente, que são a laboração dum futuro melhor e o proletariado, não devem consentir de bom grado que a burguesia trate o magro problema da instrução, pela maneira como o está fazendo, demonstrando que não governa os interesses do povo, mas que governa os interesses de classe, isto é: a conveniência dos ricos. E' esta a conclusão a que somos obrigados a chegar depois de examinados os diversos trabalhos de bastante utilidade para a instrução do povo, como, por exemplo, a última reforma do dr. sr. João Camoesas, que ficou fazendo no arquivo das coisas inúteis, como eloquente afirmação de que a burguesia reinante, considera útil ao seu predomínio, a ignorância do povo.

Porque razão é que, por esse país fora, o abandono da escola é tam grande? E que razão tam poderosa há, para que até nas pequenas aldeias surjam postos de Guarda Nacional, alojados em casas, as melhores? E ainda, que sentimento de humanidade e de progresso possui a burguesia que se nega, por vezes, a ceder um cabre para a escola da aldeia e facilita ou oferece uma boa casa para um posto da Guarda?

A razão desta attitudde está decerto justificada no facto de que a Guarda, como as restantes forças militares, pode a burguesia utilizá-las para defesa dos atropelos que comete, para sentir mais seguro o fruto da sua especulação.

Na expansão da escola ella só vê um inimigo, porque reconhece que, quanto mais instruído for o povo, mais facilmente compreenderá a injusta desigualdade económica que o condena a todas as dificuldades.

Para a burguesia o principal objectivo é manter o regime que lhe dá existência. Se para conseguir esse objectivo ella verificar ter necessidade de reduzir o povo á total ignorância, fá-lo-lá.

A prosperidade do país significa para agiotas, industriaes, proprietários, negociantes e conspícuos «patriotas», a possibilidade de arrecadar fabulosos lucros. Se para conseguir tais lucros fosse necessário substituir, nos trabalhos que exploram, os homens por crianças, quicã os pais pelos filhos, não se deixem. E por via da lei do salario e da exploração que existe, verifica-se o exodo das crianças para as oficinas, depauperando-se prematuramente e afundando-se no analfabetismo em que se debate 75 por cento da população.

E senão veja-se a exploração ignóbil exercida sobre os menores que, sem amparo, as mais das vezes dos pais e absolutamente desprotegidos da sociedade, são obrigados a suportar a tirania de individuos sem escrúpulos e sem sensibilidade, guindados á categoria de patrões, que só vêem nessa vítima um farrapo, obrigado a sofrer toda a hediondez da sua cubica.

Portugal está na vanguarda dos países a quem não merece consideração aqueles que são a promessa do futuro.

As crianças não vivem (nos falamos das crianças filhas dos operários. dos

que não são bafejados da sorte, como se disser-se-ia vegetam. A sociedade que deveria canalizar todos os seus esforços para que elas fossem os conscientes homens do futuro, põe-nas á margem, esperando que, como hervas daninhas, surjam no vicio, para as fazerem entrar nos calabouços.

A escola, a mãe da luz que tantos e tam maravilhosamente hão exultado, permanece ao desamparo em Portugal. O prototipo das escolas do país, está na cidade de Castelo Branco no alto do monte que a domina; parede meias com as ruínas dum velho castello representativo da idade medieval, mais despótica ainda. E' ali que residem as ruínas dum escola «Conde Ferreira» que pela última vez que comegou a mirámos, nem próximo das paredes se podia lá permanecer.

Em nome de que principio foi dado permitir, que aquela casa escolar atisgase tam calamitoso estado?

O mesmo que permite, equal abandono em toda a parte; que impede a realização de boas iniciativas, que, espiritos bastante independentes tem proporcionado; e que obriga á terminação das escolas primárias superiores e ao encerramento breve de outros estabelecimentos de ensino. Tenhamos em vista o grito de alarme lançado pela Universidade Popular.

Tôda esta accção nefasta, que reduz o povo á sua crassa ignorância se exerce, porque para a burguesia o desenvolvimento da instrução não representa o seu predomínio, antes o enfraquece e ella acima de tudo quer manter-se.

A burguesia não está disposta a reconhecer, que tem de ceder o passo á nova modalidade social, supõe-se estranha. Porisso, preocupa-se exclusivamente com a defesa dos seus interesses, que são os interesses dos banqueiros, dos proprietários, dos comerciantes, dos magoieiros. E como o interesse dos ricos não é o mesmo que o interesse do povo, resulta que a burguesia como classe reinante deprime os direitos do povo para sua defesa popular, que pela mesma razão não é a defesa do povo.

Se isto foi sempre assim, hoje que ella sente o terreno fugir-lhe debaixo dos pés mais se accentua. De forma que a cultura está sendo hoje em dia coisa só digna dos endinheirados, como em antigos tempos o era da fidalguia. Os que labutam de dia para comer algo á noite, se não souberem defender seus direitos, irão parar á mais profunda ignorância envolvidos na mais extrema miséria.

Mas é indispensável que isto não succeda. Trabalhadores intellectuaes, aqueles que tem por guia, uma clara consciência do presente e do futuro, bem como o proletariado que é o que mais sofre, todos nós cometeremos uma grande falta se não erguermos uma barreira forte contra a avalanche ignominiosa, que a burguesia com a sua malfica coquice arroja sobre os nossos direitos.

Ainda nós não foi possível conquistar todo o pão para a boca e estamos em vésperas de perder todo o pão do espirito.

48

Silva CAMPOS

## A greve ferroviária inglesa

A repercussão nas indústrias

LONDRES, 24.—Continuam as negociações entre os administradores das companhias ferroviárias e os operários. Tem-se que a greve ferroviária obrigou muitas indústrias a suspenderem a sua laboração, agravando ainda mais o problema dos desempregados.

## A CARESTIA DA VIDA

Um convite das Juntas de Freguesia

O Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, convida as mesmas corporações a comparecer pelas 14 horas de hoje á porta do ministério das finanças, a fim de serem entregues ao presidente do ministério as moções pelas mesmas juntas aprovadas em sessão plenária de 22 do corrente na Câmara Municipal desta cidade.



# Matam-se os pretos?

E' preciso acabar com a raça maldita que trabalha nas roças, que paga impostos e leva pancada

## ORA OS PATIFES DOS NEGROS, NÃO QUEREM LA VER?

Não conheço, infelizmente, o sr. Serra Frazão. Como o mundo é demasiado largo, tristemente vasto para as almas que se compreendem...

O sr. Serra Frazão escreve num longo jornal de notícia em um jornal de Lisboa. Ele vive lá, eu vivo cá. Entretanto existem algumas léguas que impedem um fraternal abraço. Serra Frazão odeia os pretos e eu entendo que querem? — simpático com o sr. Frazão.

E porque? Que razão poderá justificar esta simpatia estranha? Porque o sr. Frazão no jornalinho lá da terra, em folhetins literários, cheios de verve, de espírito, de graça — ali, a graça de lá — me deu a grata notícia de que os negros são, nas colónias portuguesas, tratados com uma bondade, uma doçura, uma amabilidade cativantes.

E depois o sr. Frazão, um civilizado, um homem do século XX, descobriu esta coisa curiosa: o sr. Frazão descobriu que há tempos agraçados a um illustre deputado da mercê encantadora de me incluir, a mim, misero negro perdido nesta Lisboa admirável de civilização, no número feliz das pessoas civilizadas. Hoje prosto-me perante o brilhante cronista de Santarém, agradecido pelas palavras de justiça com que se dignou tratar a raça negra.

O sr. Frazão que descobriu que o preto é bem tratado em Africa, indigna-se e com muita razão, que aduzias e dúzias de pretos, que se encontram em Lisboa, de quando em quando

ousam apresentar reclamações ao ministro das Colónias. E depois, agraçadamente, desdenhosamente, e claro, estão sustentando em Lisboa uns pretos que andam vestidos à «papo-seco». E eu entendo como o sr. Frazão em Santarém, descobre os «papo-secos» negros que vivem à custa das associações africanas. Que olhar penetrante, que presciência! A do sr. Frazão! E recomenda a pretalhada ao governador civil de Lisboa. E' pouco sr. Frazão, é pouco. Vou dar-lhe um conselho: faça um requerimento ao ministro das Colónias, peça-lhe que meta na prisão todos negros que tem a ousadia de usar colarinhos, de falar e escrever português, de trabalhar nas oficinas, de, como médicos, curarem tantos doentes, de, como artistas, deliciar o público com a sua arte. A cadeia? Não, a cadeia não, sr. Frazão! Peça antes a morte. E' preciso acabar com esta raça maldita. Ora, os patifes dos pretos, não querem lá ver?

O sr. Frazão Sr. Frazão!... Escute. O melhor é mandar mais umas metralhadoras e canhões para as colónias e fusilar todos os pretos. Irra, não anda uma pessoa descansada Matam-se os pretos — para ficar nas roças lugar para os brancos que pretendem trabalhar a vontade, andar à torreira do sol no cultivo do cacau, carregar fardos imensos durante leguas, pagar impostos leoninos.

Valer? Matam-se os pretos, sr. Frazão?

Mário DOMINGUES

## Como se rouba o povo

35.200 quilos de arroz pôde!

Na doca de Santo Amaro embarcaram ontem com destino ao Barreiro, 352 sacas de arroz de cem quilos cada, que estavam armazenadas na Companhia de Moagem Bonfim.

O arroz, que está completamente deteriorado e impróprio para consumo, foi para ali, segundo se diz, a fim de servir de sustento a cevados.

Convém agora saber a razão que levou os proprietários daquele arroz a deixá-lo chegar ao estado de apodrecer, porquanto não pode admitir-se que ele podesse deteriorar-se em pouco tempo, mas sim só ao fim de alguns meses.

Em nosso entender, estamos em face de mais uma infame roubalheira que se faz ao povo consumidor. O arroz com certeza foi positivamente guardado, esperando alta, para se explorar o público. O tempo encarregou-se de o fazer apodrecer e assim resultaram infrutíferos os desejos de especulação dos «benemeritos» negociantes, que naturalmente procuram outros meios para não perder tudo.

A exploração é cada vez mais desenvolvida, os detentores dos gêneros de primeira necessidade preferem deixá-los estragar a vendê-los a preços razoáveis e aqueles que se dizem zelares os interesses do povo, sabendo de todas estas patifarias, conhecendo de sobejo quem são e onde se encontram os ladrões do povo, os verdadeiros causadores do mal estar social, em vez de os obrigarem a entrar na ordem, mobilizam a polícia, num ridículo aparato bélico, junto dum tribunal, por que se a efectuar o julgamento de dois operários.

Esses senhores dos governos e das autoridades, só procuram a todos os instantes perseguir os trabalhadores, mas deixam roubar à vontade os conhecimentos exploradores do povo!

Que animal o culpado é este...

E' preciso notar que no Barreiro existe uma fábrica da Companhia de Moagem Bonfim, e seria bom saber qual o verdadeiro destino do arroz pôde...

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

Abastecimentos

Abre por estes dias em Braga, um armazém regulador, do preço dos gêneros, estando o seu funcionamento a cargo da Comissão de Abastecimentos daquela localidade.

O Comissariado dos Abastecimentos acaba de adquirir em Inglaterra um novo barco de pesca, da tonelagem do vapor «Gluco», ultimamente comprado naquele país e já ao serviço do Comissariado. A compra é feita por conta do crédito dos 3 milhões de libras.

Esta madrugada saiu para a pesca na costa de Marrocos, e referido vapor «Gluco».

A ponte-cais de Alcochete

Vai ser reparada

As comissões políticas do Partido Republicano Português, de Alcochete, acompanhadas pelo deputado, sr. Tavares de Carvalho, conferenciaram com o ministro do Comércio, administração geral da hidrovia e director da hidrovia do Tejo, acerca da reparação de que carece a ponte cais daquela vila.

O ministro concedeu 25 contos para esse fim e prometeu mandar iniciar desde já o orçamento suplementar para que a separação seja completamente concluída. O director da hidrovia do Tejo disse ás comissões que tinha iniciado já os trabalhos do orçamento suplementar e que enviaria todos os esclarecimentos no sentido de que a ponte ficasse, no mais curto prazo de tempo possível, apta a servir os habitantes da vila. Disse mais que a reparação da muralha de Alcochete está sendo estudada, de forma a poder evitar que a avenida marginal seja invadida pelas

ondas do Tejo.

OURIVESARIA E JOALHERIA

Santos Catita, Ld.

R. de Santo António, 44

e R. da Boa Vista, 22

GRANDE sortido em joias com pedras finas, objectos de ouro e prata para brinde e regalos das melhores marcas. Compram por alto preço ouro, prata, relógios e joias.

## Classes que reclamam

Gráficos das Casas de Obras

Reuniu ontem a comissão pró-aumento de salário com grande número de delegados das oficinas, sendo tomadas várias deliberações para o bom andamento dos trabalhos.

A comissão dos componentes das oficinas que ainda não nomearam delegados, devem fazê-lo o mais depressa possível a fim de não serem protelados os trabalhos a realizar.

Todas as noites a comissão se encontra na sede, das 20 às 22 horas.

Corticeiros da Póvoa de Santa Iria

Realizou-se na sede do sindicato dos descarregadores de mar e terra de Póvoa de Santa Iria uma reunião magna dos corticeiros daquela localidade. Apreciam a resposta dos industriais ás reclamações apresentadas pela Federação Corticeira tendo aprovado o aumento concedido.

Pessoal dos serviços sanitários do porto de Lisboa

Todo o pessoal dos serviços sanitários do porto de Lisboa dirigiu uma representação ao ministro do Trabalho, pedindo que lhes faça justiça no que respeita a aplicação dos vencimentos melhorados, ultimamente decretados, porquanto o mesmo pessoal ficou em menos condições de inferioridade a todos os outros funcionários das várias dependências da Direcção Geral de Saúde e que aqueles serviços igualmente pertencem e ainda em condições de maior inferioridade aos funcionários de outros organismos do Estado.

Alegam o facto de a empregados de vários serviços, e com menores vencimentos de orçamento, serem atribuídos vencimentos melhorados muito superiores aos que auferem os da Sanidade Marítima. Assim a um remador da Alandega foi dado vencimento igual ao que tem um escrivão intérprete dos serviços sanitários, funcionário que é obrigado a falar e escrever vários idiomas. E como esta, muitas outras anomalias, não menos flagrantes citam na representação.

## CONFERÊNCIAS

«Trilogia social»

Realiza-se no próximo domingo, ás 21,30 horas na Juventude Católica uma conferência do padre sr. Pereira Reis sobre os três livros de Manuel Ribeiro Cadatal, *Deserto e Ressurreição*.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

Conferência Inter-Sindical

A comissão administrativa da U. S. O. lembra a todos os sindicatos operários de Lisboa aderentes à Conferência que ainda não tenham enviado os nomes dos seus delegados, a conveniência de o fazerem o mais rapidamente possível, a fim de habilitarem esta comissão a publicar a lista dos sindicatos que se propõem a participar da conferência.

Por toda a próxima semana será publicada a nota dos sindicatos aderentes e seus delegados, regulamento da Conferência e respectiva ordem de trabalhos, assim como data e local em que se efectuará.

Por este meio se convidam as Federações de Indústria a fazerem-se representar na Conferência, devendo desde já nomear os seus delegados.

OURIVESARIA E JOALHERIA

Santos Catita, Ld.

R. de Santo António, 44

e R. da Boa Vista, 22

GRANDE sortido em joias com pedras finas, objectos de ouro e prata para brinde e regalos das melhores marcas. Compram por alto preço ouro, prata, relógios e joias.

OURIVESARIA E JOALHERIA

Santos Catita, Ld.

R. de Santo António, 44

e R. da Boa Vista, 22

GRANDE sortido em joias com pedras finas, objectos de ouro e prata para brinde e regalos das melhores marcas. Compram por alto preço ouro, prata, relógios e joias.

OURIVESARIA E JOALHERIA

Santos Catita, Ld.

Eden Teatro  
Companhia  
António  
de Mac-  
do

HOJE  
A  
PERA  
DE  
SATANAZ

Deslumbrante mágia  
de Eduardo Garrido

O espectáculo  
predilecto  
das  
famí-  
lias

O mais  
scintil-  
lante dos  
sucessos!

O mais  
scintil-  
lante dos  
sucessos!

## AS GREVES

Gráficos dos jornais

Reúne hoje, ás 18 horas prefixas, o quadro tipográfico do jornal «Pátria», a convite da comissão pró-aumento de salário, para tratar dum assunto urgente.

Tanoeiros de Almada

Na sua última reunião para apreciar a marcha do movimento, registou-se mostrarem os industriais a disposição de atender as justas reclamações formuladas, seguindo assim o exemplo dos seus colegas do Poço do Bispo.

O moral dos grevistas continua sendo exaltado.

Refinadores de açúcar

Ontem, pelas 16 horas, a convite do governador civil, efectuou-se uma reunião da comissão de demarques com o mesmo senhor, ficando assente que hoje ás mesmas horas reunirá esta comissão em conjunto com a comissão dos industriais, para resolver a solução do conflito.

Para a classe tomar conhecimento do resultado dessa conferência, deve reunir pelas 17 horas na sua máxima força, na sede. A comissão confia que a classe manter-se-há inalterável como até aqui.

Tanoeiros e anexos

Prosegue a greve destas classes. No Porto, dois industriais traíram o compromisso tomado com o seu pessoal motivo porque este abandonou imediatamente o trabalho não o retomando sem os referidos industriais mudarem de conduta. Prosegue a greve em Esmeriz e Cortegada, estando os industriais a elaborar uma tabela destinada a burlar os grevistas estando esses, por esse facto na disposição de a repellar.

Em Almada continua a greve. Prosegue as negociações entre os exportadores e a comissão de demarques. Apesar das rubricas com que os exportadores vão procedendo, entrou-se já num caminho diferente, estando apuradas bastantes dificuldades que se opunham a um entendimento. E' natural que a greve se não prolongue sendo de esperar que fique resolvida dentro de breves dias.

Foi exprobatório por toda a classe o procedimento de quatro tanoeiros que foram trabalhar sem condições para a firma Pereira dos Santos.

A classe reuniu ontem, tendo manifestado o firme propósito de não regressar ao trabalho sem que as suas reclamações sejam aceites pelos exportadores. Porém tudo deixa antever que dentro de breves dias termine o conflito com vitória para os grevistas.

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 22.—Mais um procedimento inqualificável há a registar da parte dos armadores desta localidade, que, dando provas de um racionalismo absoluto, fogem à discussão quando encontram alguém disposto a rebater com argumentos as suas formas jesuíticas de enganar os trabalhadores que arrastam todos os perigos sobre as ondas do mar, para lhes saciar a ganância.

Assim, estando apurada uma reunião para hoje, entre aqueles senhores e a comissão de melhoramentos dos trabalhadores marítimos, acompanhados por dois delegados da Federação Marítima que se encontram nesta localidade, a qual devia ser presidida pelo administrador e delegado do Departamento Marítimo, apenas apareceram três representantes dos armadores, dizendo que não tinham poderes para resolver o conflito, mas que no entanto poderiam os delegados operários apresentar a sua plataforma para eles transmitirem aos restantes patrões, declarações estas que os delegados da Federação acharam uma habilidade, visto que tinham conhecimento que os restantes patrões se achavam quasi todos em Cezimbra e imediações e se não compareceram foi talvez por conveniência própria.

Esses delegados disseram mais que em virtude de os industriais presentes não terem poderes para resolver o assunto, apresentaram a sua plataforma quando comparecerem os restantes armadores visto que acham o conflito de fácil solução.

Em face desta declaração ficou apurada nova reunião para o dia seguinte de acordo com o administrador. Quasi não foi, porém, o nosso espanto quando aquele sr. disse hoje que tinha sido procurado por um dos ditos jesuitas que lhe afirmou que não iriam à reunião alguma com os delegados dos marítimos, fugindo assim cobardemente da discussão!

Pretendem, suprema infâmia, render pela fome dos marítimos de Cezimbra. Mas não conseguiram visto que estamos dispostos a lutar até vencer!

CEZIMBRA, 23.—C.—Reunida hoje em assembleia geral esta classe votou a greve geral como condigna resposta ao «lock-out» declarado em 15 do corrente pelos armadores, sendo também resolvido que os delegados da Federação Marítima retirassem para Lisboa a dar conta das «demarques» realizadas.

A classe continua mantendo a maior firmeza e a mais estreita união, trabalhando os seus componentes em aparelhos ou empregando o seu esforço noutros ramos de indústria, de modo que não será fácil fazê-los render pela fome.

CEZIMBRA, 23.—C.—Reunida hoje em assembleia geral esta classe votou a greve geral como condigna resposta ao «lock-out» declarado em 15 do corrente pelos armadores, sendo também resolvido que os delegados da Federação Marítima retirassem para Lisboa a dar conta das «demarques» realizadas.

A classe continua mantendo a maior firmeza e a mais estreita união, trabalhando os seus componentes em aparelhos ou empregando o seu esforço noutros ramos de indústria, de modo que não será fácil fazê-los render pela fome.

CEZIMBRA, 23.—C.—Reunida hoje em assembleia geral esta classe votou a greve geral como condigna resposta ao «lock-out» declarado em 15 do corrente pelos armadores, sendo também resolvido que os delegados da Federação Marítima retirassem para Lisboa a dar conta das «demarques» realizadas.

A classe continua mantendo a maior firmeza e a mais estreita união, trabalhando os seus componentes em aparelhos ou empregando o seu esforço noutros ramos de indústria, de modo que não será fácil fazê-los render pela fome.

CEZIMBRA, 23.—C.—Reunida hoje em assembleia geral esta classe votou a greve geral como condigna resposta ao «lock-out» declarado em 15 do corrente pelos armadores, sendo também resolvido que os delegados da Federação Marítima retirassem para Lisboa a dar conta das «demarques» realizadas.

A classe continua mantendo a maior firmeza e a mais estreita união, trabalhando os seus componentes em aparelhos ou empregando o seu esforço noutros ramos de indústria, de modo que não será fácil fazê-los render pela fome.

CEZIMBRA, 23.—C.—Reunida hoje em assembleia geral esta classe votou a greve geral como condigna resposta ao «lock-out» declarado em 15 do corrente pelos armadores, sendo também resolvido que os delegados da Federação Marítima retirassem para Lisboa a dar conta das «demarques» realizadas.

A classe continua mantendo a maior firmeza e a mais estreita união, trabalhando os seus componentes em aparelhos ou empregando o seu esforço noutros ramos de indústria, de modo que não será fácil fazê-los render pela fome.

CEZIMBRA, 23.—C.—Reunida hoje em assembleia geral esta classe votou a greve geral como condigna resposta ao «lock-out» declarado em 15 do corrente pelos armadores, sendo também resolvido que os delegados da Federação Marítima retirassem para Lisboa a dar conta das «demarques» realizadas.

## A BATALHA

TEATRO NACIONAL

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

TEATRO NACIONAL

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação

da tragi-comédia histórica de

AUGUSTO DE LACERDA

O Pasteleiro de Madrigal

(1.º prémio do concurso oficial de originais portugueses)

HOJE

Primeira representação



## RECORDAÇÕES DE INFANCIA

## A palavra Anarquia

A verdade, não a sabem revelar as escolas oficiais, nem os professores imbuídos de preconceitos burgueses

Foi um dia, tinha eu 14 anos, quando pela primeira vez, os meus lábios pronunciaram a palavra Anarquia.

Andava eu então preparando-me para fazer o 2.º grau, ou por outra, exercitando-me para ver se conseguia responder integralmente aos meus exames, para eles em troca me darem um atestado de habilitação, atestado que, mais tarde, reconheci não ter valor algum, quando um dia lendo um trecho subordinado ao título «Intelectualidade Religiosa» o meu professor me perguntou a significação da palavra anarquia.

Ante a pergunta fiquei confuso, não sabia que responder dir-se-ia que o meu espírito me obrigava ao mutismo, porque receava responder babujando essa palavra que mais tarde, tanta influência havia de exercer sobre mim.

Ante a minha atitude o meu professor disse-me:

—Então, rapaz... Não sabes o que quer dizer anarquia? Olha... Anarquia é a desordem. Por isso se diz que a anarquia imperou durante dias em Lisboa. Anarquia é a malvadez em campo. E para melhor me convencer:

—Lêste o relato da tragédia de 1755 em que um bando de malvados, aproveitando a confusão e o terror da população, matava e roubava?

E eu respondi então trêmulo:

—Já li sim, senhor professor.

—Pois olha, rapaz, a Anarquia é o mesmo.

E então o meu espírito virgem de sensações fortes começou a architectar mil diversas coisas e eu cheguei a perguntar a mim próprio, o que me sucederia no dia em que se implantasse no mundo o regime que aquela palavra sintetizava.

Era pois com uma certa aversão e um tanto contrariado que lá sempre aquele teacher, Cheguei-me a confessar — a pensar-lhe um certo ódio.

Mas, terminando aquela minha empreitada, que não consistia em educar-me para o futuro, ler uma consciência, mas sim estudar só, para conquistar uma carteira de exame, que, com validade iria mostrar a meus pais, eu fui novamente empurrado para a oficina onde tinha pedido licença, — por algum tempo para concluir os meus estudos que me admitiriam a exame.

E ali fiquei à árdua e fatigante labuta de todos os dias com o exame examinando este modo de viver que me acordava.

Porque... não tinha sucedido o mesmo aos meus condiscipulos, e o facto era que um havia pouco tempo se tinha despedido de mim para ir para o liceu continuar a estudar.

—Mas, porque razão — perguntava eu — não vou também continuar a estudar?

E raciocinando um pouco: «Mas quem me garantiria o pão? O meu condiscipulo não se importa com comer... Não me recordava que ele era filho dum industrial. E o filho dum industrial tem mais direito a estudar do que eu?»

E-me inteiramente impossível explicar, neste momento, a pena que senti de não ser rico também.

E à noite, em silêncio, a lembrança do pretérito, fazia-me olhar para meus pais, com um olhar repleto de tristeza, em que se podia ler este pensamento: «Tenho pena de os meus pais terem tido filhos pobres!»

Fui crescendo, e um dia os meus companheiros de trabalho disseram-me: — Sabes? É necessário abandonar o trabalho, porque o patrão, não nos quer dar mais salário.

E fomos todos juntos até à sede da Associação da qual eu já era sócio, devido ao consentimento de meu pai. Excitado e trêmulo entrei pela primeira vez numa Associação.

Senti tamanha comoção, que me encontrei ao umbral duma porta.

Era medo? Não.

E que acabava de ler uma palavra, composta de letras miúdas e que dizia: «Anarquia!»

Foi a reminiscência do passado e por

momentos julguei ver a figura do meu professor dizer-me: «Rapaz, a anarquia é a desordem, é o roubo».

Meu camarada, entregou-me um livro e eu encaminhei-o a minha vista para o objecto em questão pôde ler: «O Programa Sindicalista Anarquista».

Mas desta vez não tremi, e apossado dum desejo veemente arreadei, o livro, e à noite depois da primeira reunião, dei-lhe a minha família entregar-se ao sono e li o livro.

A medida que ia lendo, o meu espírito animava-se, tomava interesse pela leitura, e apesar de ser já tarde, dizia-me a ler mais, quando uma folha verde me veio dizer, que o livro não dizia mais.

Fiquei satisfeito, e senti-me mais forte. Logo fiz um voto, ser um rebelde, porque concordar com o que o livro me dizia não há o direito de o homem ser governado pelo homem!

Sim, concordo. Não há o direito, de aquele que nada produz ter o superfluo.

## Crise na indústria corticeira

por falta de transportes ferroviários

Uma comissão delegada da Federação Corticeira procurou ontem avisar-se com o ministro do Comércio para lhe solicitar, mais uma vez, a sua atenção para o facto de existirem algumas fábricas prestes a paralisar por falta de transportes ferroviários para a condução de matéria prima.

Não podendo ser recebido por aquela entidade, foi pelo chefe do gabinete proposto que esta comissão apresente uma exposição contendo os nomes das fábricas, bem como as estações onde se encontram depositadas as cortiças.

Infelizmente, nem esta Federação reclamou providências às entidades competentes, para obstar à paralisação de várias fábricas o que acarreta enormes prejuízos para o operariado da indústria, sem que até hoje se tenha providenciado no sentido de normalizar este caso.

Ainda não há muito tempo foi por este organismo entregue ao chefe do gabinete do governo há pouco saído, uma exposição idêntica à que ora vai ser entregue. Todavia parece que a esse trabalho não foi ligada alguma importância que devam merecer todas as questões a que está afecto o pão de muitas famílias.

Para a publicação duma revista libertária

No dia 9 de fevereiro próximo, realiza-se no teatro Gil Vicente, a festa promovida pelo grupo Claridade, para angariar receitas para a publicação duma revista de doutrina e crítica.

A escolha para a festa a peça de Joaquim Diniz, «João José», que será desempenhada pela companhia Luís Ramos.

Os bilhetes podem ser reclamados aos componentes do grupo, na administração da Batalha e no quiosque Sanches, Avenida da Liberdade.

Os que morrem

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

TRABALHADORES: Lido a BATALHA

Funerais

Com grande acompanhamento, saiu ontem do Instituto de Medicina Legal o funeral de Maria Rosa de Sousa, horteliceira, que há dias, no mercado da Praça da Figueira, foi assassinada a tiros de pistola por seu marido António Maria, mais conhecido pelo «António da Praça».

O fêretro foi conduzido numa carreta, a qual conduziu também grande número de flores oferecidas pelas colegas da extinta. O cadáver ficou depositado no cemitério Oriental.

e o produtor viver eternamente na miséria.

Uma minoria em bacantes estrondosas, e a maioria contorcendo-se e com fome.

Desde então ocliei a classe, que explora, que oprime e quando vejo um rico, milionário, calculo quantas não se seriam as vítimas que deram a sua vida para aquele ser esbanjar loucamente.

Encontro-me hoje absolutamente convencido de que as palavras do meu professor eram mentirosas, porque a Anarquia é a beleza, e a Anarquia é uma palavra que traduz um ideal cheio de beleza, que há de — numa época mais ou menos próxima — liberdade a humanidade junta à carliota do convencionalismo.

Anarquia, portanto, é a antítese do que o meu professor me explicou. E é agora sempre com prazer que leio essa palavra e procuro fazer compreendê-la a aqueles que lhe têm aversão.

Marinha Grande, 22-1-1924.

João Alves de Freitas

por esse mundo fora

INGLATERRA

Os conservadores contra os trabalhistas

LONDRES, 24.—Um grupo de membros do partido conservador da Câmara dos Comuns vai apresentar um voto de desconfiança ao governo dizendo que este tem menos de um terço de votos na Câmara e que sendo praticamente um governo socialista não é bem visto pela maioria do povo inglês.

ITÁLIA

O imperialismo italiano

ROMA, 24.—Alguns jornais italianos dizem que a Itália para obter um entendimento com a Grécia estaria disposta a ceder-lhe o Dodecaneso conservando porém Rodas e outras ilhas importantes sobre o ponto de vista estratégico.

Pedras para Isqueiros

Metal Auer, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E) a casa que fornece em melhores condições.

Homenagem a Gomes Leal

Sob a presidência do dr. Magalhães Lima realizou-se ontem nos Fpacos do Concelho a Comissão encarregada da homenagem a prestar ao poeta Gomes Leal, estiveram presentes os srs. dr. Alfredo Guisado, Alexandre J. Ferreira, Francisco dos Santos e Humberto Pereira.

Ficou resolvido definitivamente que o lançamento da primeira pedra para o monumento a erigir no Cemitério do Alto de São João, se realize no dia 17 do próximo mês de Fevereiro, sendo convidados para assistir a essa solenidade além do chefe do Estado, do governo, deputados e senadores da República, câmaras municipais do distrito de Lisboa, junta Geral do Distrito, e juntas de freguesia, Academia das Ciências, agremiações científicas e várias colectividades, entidades oficiais, e estudantes dos cursos superiores e secundários, etc.

As crianças das escolas primárias no cemitério desfilaram perante e os restos mortais do salso poeta e se sobre eles deixaram cair flores que lhes se serão distribuídas pela Câmara.

Pela cidade, nesse dia, serão profusamente distribuídas plaquetas com duas das mais belas poesias de Gomes Leal.

Sylvest, acompanhado a a casa do sr. Diávo, seu senhor, pela gente de Faustina, esperava um bárbaro castigo. Ausente durante toda a noite, sem permissão, recolhia-se a uma hora muito adiantada da manhã, faltando assim às suas obrigações domésticas, visto Sylvest ser escravo caseiro. E esta servidão, menos dura talvez, mas às vezes mais cruel do que a do escravo artista ou do escravo cultivador, tinha a ele experimentado em consequência de muitos acontecimentos que se seguiram à horrível morte de seu pai Guilherm, do qual ele falara mais tarde. Sim, esta condição servil havia-a afrontado, ele, de raça ativa e livre, neto do brenn da tribo de Karnak; preferindo até mesmo esse captivo, porque sabia que, no dia da justiça e da libertação, os gauleses do interior das cidades e das casas deviam poderosamente auxiliar a revolta contra os romanos.

Reduzido à astúcia até é ao momento em que pudesse empregar útilmente a a força, Sylvest, como tantos outros dos seus companheiros, ocultava o seu rancor da opressão e o amor p pela liberdade do seu país, debaixo de uma máscara humilde e risonha; pois que para Diávo tinha sempre as palavras que o faziam rir: sim, servia de bobo, e como bom criado, regosijava-se com as odiosas inclinações de seu senhor, cruel e preverido, vendo com satisfação aquela alma ruim perder-se neste mundo, para ir reviver nos outros cada vez mais infeliz. Isto animava Sylvest a esperar com paciência o grande dia da vingança.

—O meu filho!... tu tu para quem escrevo esta narração, a fim de obedecer às ordens de meu pai, como ele obedeceu às ordens do seu, tu desculparás a minha cobardia dissimulação... e amaldiçoarás aqueles que a isso me obrigavam; ah! o tempo de quebrar os nossos ferros e de combater lealmente como nossos avós, ainda lá não tinha chegado; e daí meu filho, por mais firmemente que seja temperada uma raça, o ar envenenado do captivo contamina-a fazendo-a degenerar.

Verás nesta narração, na nossa avó Margarid e as outras

mulheres da nossa família, que mataram seus filhos e que se mataram a si próprias, no seu indomável furor contra a servidão. Meu pai Guilherm, homem maduro, resignou-se até morrer, a um captivo, que seu pai Joel não teria suportado um só dia. Não, na primeira ocasião, teria morto seu filho, suicidando-se depois. Do mesmo modo, meu pai, sempre taciturno e feroz como um lobo acorrentado não teria podido tomar o partido de permanecer no captivo como eu o tomo. Talvez, finalmente, pobre filho, condenado pelo teu nascimento à servidão talvez que, se as nossas liberdades não forem reconquistadas em tua vida, degeneres ainda mais do que eu desse soberbo ódio à servidão... uma das varonis virtudes dos nossos antepassados... Todavia, é com a esperança de que o seu exemplo te dará força para lutar contra essa humilhação, que eu te lego estas devotas narrações de família, acrescentando-lhes o mais que vou escrever.

Sylvest foi conduzido nessa manhã a casa do seu senhor. Diávo habitava uma bela casa da cidade de Orange, situada não longe do campo onde combatiam os gladiadores, e onde os escravos eram às vezes lançados às feras.

O porteiro, vestido de verde, cõr da libré do senhor, estava como de costume acorrentado pelo pescoço ao vestíbulo, à semelhança de um cão de guarda. Tendo fugido duas vezes, tinha sido castigado com a perda das orelhas e do nariz, o que causava horror; em lugar do nariz não se lhe via senão dois buracos; sobre a fronte rapada viam-se as duas letras impressas com ferro em braço, um F e um O. Era gaules do Auvergne, e estava sempre taciturno.

O sr. Diávo denominava-o ao princípio Cerbero, em razão do seu mister de porteiro; mas logo que lhe cortaram o nariz, deu-lhe o nome de Nariz-chato.

O cumprimento da corrente que o prendia permitia-lhe abrir a porta ao guarda que conduzia Sylvest, quando este bateu com o martelo de bronze, que representava uma figura obscena.

Manufactores de cristal da Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 23.—Com o maior regosio verificamos que a propaganda em prol da organização sindical do proletariado vai produzindo os seus benéficos efeitos.

Na passada segunda-feira os manipuladores de cristal realizaram a primeira reunião para reorganizarem o seu sindicato.

Rompendo, enfim, com a sua lamentável passividade estes escravos do capital mostram-se dispostos a enveredar pelo único caminho que, num futuro mais ou menos próximo lhes dará, como a todo o proletariado, a tão anseada emancipação.

Assistimos também à assembleia, a que presidiu Januário Martins secretário por José Henriques e João Gama.

Na sala havia muitos camaradas, embora não representassem senão a minoria da classe.

José Henriques expôs o que é necessário fazer para que a classe se reorganize e retome consequentemente o seu lugar na luta em que o proletariado anda empenhado contra o capitalismo insaciável.

Januário Martins alargou-se também em considerações sobre o futuro papel do sindicato, passando depois a analisar as atuais condições em que os cristaleiros, remunerados irrisoriamente, se vêem obrigados a viver devido ao pavoroso e constante agravamento do custo da vida.

Manuel de Jesus, presidente da Associação dos Manipuladores de Vidraça, mostrou os sacrifícios e esforços que um sindicato, exige para que cabalmente se desempenhe da sua missão e põe em relevo os deveres dos que tomam o encargo de o orientarem.

Lamentando que alguns elementos activos da classe não tenham comparido, o orador exorta a assistência a procurar que os retardatários venham ocupar, como devem, o seu lugar dentro do sindicato.

Fazendo novamente uso da palavra, Januário Martins, citando o movimento levado a efeito ultimamente pelos vidraceiros, que ante as arremetidas dos industriais não esqueceram nunca o seu lema de «todos por um e um por todos», formulou em calorosas palavras o voto de que os cristaleiros sigam as pisadas daqueles seus camaradas.

Procedeu-se em seguida à inscrição de sócios, ficando inscritos 60 e esperando-se a adesão total da classe.

No final foram levantados vibrantes vivas à organização operária, à Batalha, etc.

Amanhã há nova reunião.

Máquina de ajuntadeira de braço.

Vende-se. Rua dos Retrozeiros, 70, 3.º, frente.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova do Calvário, 18. Quanto ao preço pedem.

Mano Postal

Caldas da Rainha. — A. C. P. — Recebido \$75.

São Brás de Alportel. — J. S. — A demora dos editores em servir nossos pedidos, motiva não podemos completar encomenda.

Matosinhos. — C. T. — Temos o livro pedido e o seu preço é o que anunciamos.

Rio de Janeiro. — J. Urbano — Recebemos carta e \$500,00.

Soure. — A. Oliveira. — As importâncias recebidas tiveram o destino indicado. — J. Gaspar Mals. — Entendido, o pagamento do Sublimento é quando da cobrança pelo correio, 3 meses, \$600.

LIMAS

As melhores, são as de «União» Tomé Felizes, Vieira de Leiria. — Pedir em todas as lojas de artigos de casa. — Encomendam a preços de fábrica.

MARCAS REGISTRADAS. — Marca com a melhor qualidade.

## TEATROS &amp; CINEMAS

## «O Pasteleiro de Madrigal»

No Nacional efectua-se hoje a primeira representação da tragi-comédia «O Pasteleiro de Madrigal» da autoria do escritor Augusto Lacerda.

Interpretam os principais papeis da peça os artistas Ester Leão, Clemente Pinto e Rafael Marques.

Os tecidos com que foram confeccionados os trajes dos principais artistas, foram comprados em Paris por Castelo Branco e são a reprodução exacta dos fatos usados em 1594; os cenários, de Mergulhão, Salvador, Campos e Oliveira, são cópia fiel de alguns trechos de paisagem espanhola, pois que a acção decorre entre Madrigal e Valadolid.

Noticias

Tendo a actriz Laura Costa reclamado contra a sua exclusão do quadro activo da Sociedade Artística do Teatro Nacional, o ministro da instrução mandou ouvir a tal respeito o Conselho Teatral.

Reclamos

Na mesma série de sorte, desafiando tudo, até os maiores triunfos alheios, o Avenida, com a sua opereta «Miss Diabo», tem um autêntico «talismão», que tanto serve para lhe alargar o sucesso, já confirmado, como para lhe engrangar todas as noites, uma formidável enchente. «Miss Diabo» repete-se hoje.

—Effectus-se hoje no Apollo, a «Première» da revista fantasia «Fruito Proibido» que tem 2 actos, um prólogo e 12 quadros. Esses quadros intitulam-se: «Lareira da saudade (prólogo) 1.º Bric à Brac da Vida; 2.º Quem tem vergonha? 3.º. Excelência o Chado; 4.º. 5.º e 6.º em apoteose: Vendimadores do coração e do amor, segundo acto e 7.º quadro: Modern Style; 8.º. Rosas Vermelhas; 9.º. Afinação Proibida; 10.º. Cartaz Artístico; 11.º. Eureka; 12.º. Chama da Pátria (apoteose).

—O Primeiro de Janeiro, do Porto, refere-se nos seguintes termos à estreia da Companhia Lucília Simões: «Erico Braga, no teatro Sá da Bandeira, da qual cidade:

«Noite de festa a de ontem, no Sá da Bandeira. Nos camarotes e na plateia, a «unha» uma assistência da «elite».

«Foi um bom espectáculo de Arte e um público culto, grandioso. A estreia da Companhia Lucília Simões e a bellissima peça «A Casa em Ordem» obtiveram sucesso, enorme, grandioso.

«Tanto o êxito da excelente companhia, primorosamente organizada, como o da peça, ficaram solidamente firmados, sendo vivamente aplaudidos Lucília Simões que teve chamadas especiais, Amélia Pereira, António Pinheiro, Erico Braga, e os restantes.

—Que os espectáculos do Coliseu dos Recreios são os melhores, mais variados, mais artísticos e mais alegres de Lisboa, disse o publico que todas as noites ali afflui e que se não farta de tecer elogios à nova companhia de Circo por ser a melhor e mais completa que tem vindo a Lisboa.

O espectáculo desta noite tem um programa surpreendente em que entram todas as grandes celebridades artísticas.

—Os principais papeis da mágica de Eduardo Garrido «A Pera de Satanaz» são brilhantemente interpretados pelos primeiros artistas da companhia António de Macedo, «A Pera de Satanaz» atraiu ontem mais uma vez ao Eden-Teatro uma colossol enchente.

CARTAZ

S. CARLOS.—Não há espectáculo. NACIONAL — A's 21 — «O Pasteleiro de Madrigal».

S. LUIS.—A's 21 — «A Prima Inglesa».

POLITEAMA.—A's 21 — «Cristalina».

APOLLO.—A's 21 — «Fruito Proibido».

AVENIDA.—A's 21 — «Miss Diabo».

EDEN-TEATRO — A's 21 — «A Pera de Satanaz».

MARIA VICTORIA.—Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Grande companhia de circo.

GIL VICENTE — A's 21 — «As duas orfãs».

OLIMPIA — A's 20, 21 — Animatograto.

SALVA ROZ — A's 14, 15 e 20, 21 — Varietades.

CHILADO TERRASSE — A's 14, 15 e 20, 21 — Animatograto.

CONDES (Avenida). — Animat



